



GRACE AND FRANKIE: UMA NARRATIVA SOBRE PROXIMIDADE

CÁTIA BRITO DOS SANTOS NUNES; JORGE GARCÍA MARÍN; JOÃO DIOGENES
FERREIRA DOS SANTOS

RESUMO

A problemática deste trabalho busca a compreensão do plano da relação com os próximos, à luz do referencial teórico de Paul Ricoeur (2014). Ou seja, do plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades. Para tanto, tratará a série “Grace and Frankie” como uma obra ficcional que apresenta uma narrativa sobre uma relação de proximidade afetiva entre as duas mulheres protagonistas e, portanto, sobre a superação da rivalidade feminina. Assim, a luz do referencial teórico de Paul Ricoeur que estabelece conceitos sobre os elementos da narrativa, definindo as narrativas como histórica e ficcional. Para o filósofo a narrativa histórica trata do real sobre o passado e a narrativa ficcional trata do irreal fictício, e ambas são igualmente estruturadas quanto à forma. Por meio da narrativa, que é uma das formas de revelar a historicidade de um dado indivíduo ou grupo social, compõe-se e recompõe-se a experiência de vida de um indivíduo em relação a si e ao outro. Para atender ao objetivo indicado, assumiu-se neste trabalho uma proposta de pesquisa de abordagem qualitativa como suporte metodológico, realizando-se uma abordagem fenomenológica, com fundamento no referencial teórico de Paul Ricoeur. A opção metodológica justifica-se porque enseja a compreensão a partir da análise de conteúdo e da interpretação da subjetividade que vem à tona, isto é, é projetada para fora, por meio da linguagem, ou seja, da narrativa. Desta forma, a utilização, a título de ilustração, de trechos em que são retratada essa superação da rivalidade feminina possibilita a efetiva compreensão da relação de afetividade, empatia e de proximidade.

Palavras-chave: memória; protagonismo feminino; afetividade.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, partiremos da concepção da multidisciplinariedade da memória a partir do referencial teórico de Paul Ricoeur. Nas palavras do autor, “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (RICOEUR, 2007, p. 40). A memória que resulta de uma evocação do passado será definida não somente como uma ferramenta de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, como uma capacidade de (re)significação das coisas; trata-se de uma representação das coisas já apresentadas anteriormente para si – re (apresentação), uma possível reconfiguração de tais dados guardados na memória que são despertados pela rememoração.

As narrativas articuladas em fenômeno de temporalidade constituem uma memória declarativa resultante das buscas intencionais pelas lembranças, com a finalidade de tornar presente uma experiência anteriormente percebida, experimentada ou aprendida – aspecto de anterioridade. Ou seja, identificamos que a recordação narrada constitui um passado lembrado, em decorrência de um esforço intelectual – evocação, conforme definiu Paul Ricoeur (2007).

Para o filósofo francês, para responder a questão: quem lembra?, é necessário a

concepção da existência de três sujeitos de atribuição da lembrança – eu, os coletivos e os próximos. Entendendo que a memória não pode ser atribuída somente a uma entidade coletiva chamada de grupo ou sociedade. Portanto, para o autor, a ideia mais acertada é a de interpenetração dinâmica que necessita de um nível intermediário entre uma memória coletiva e uma memória individual, qual seja, o plano da relação com os próximos.

Nesse sentido, buscamos a compreensão desse plano da relação com os próximos, à luz do referencial teórico de Paul Ricoeur (2014). Ou seja, do plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades, a partir da análise do protagonismo feminino na narrativa ficcional da série “Grace and Frankie”, uma produção autoral da plataforma de streaming Netflix, lançada em 2015.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Buscando uma compreensão dessa relação com os próximos a partir da narrativa sobre a superação da rivalidade feminina e sobre a amizade entre duas mulheres na série “Grace and Frankie”, utilizaremos como recurso metodológico uma abordagem fenomenológica, ou seja, um estudo que busca a essência das coisas pela maneira como são percebidas no mundo, isto é, como o fenômeno é apreendido pelos indivíduos - conceituando-se como fenômeno tudo aquilo que se mostra e que é percebido pelos sentidos.

Desta forma, a seleção de alguns trechos dessa obra ficcional foi realizada para exemplificar a intenção dos criadores de retratar a relação de afetividade e de proximidade entre duas mulheres.

Nesse trabalho utilizou-se, primeiramente, a análise de conteúdo abordada por Martin W. Bauer (2002), sendo essa uma técnica híbrida que articula elementos quantitativos e qualitativos de pesquisa. Essa metodologia é “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetificada” (BAUER, 2002, p. 191).

A análise de conteúdo utiliza a sistemática de regras de categorização para a análise, com enfoque nas frequências e ausências do material analisado. A partir da observação, categorização e análise das temporadas da série foi possível traçar um mapa de sentido sobre o corpus analisado. Assim, utilizaremos, a título de ilustração, alguns acontecimentos da série em que são evidenciadas as principais características da relação entre as personagens principais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando como referência o arcabouço teórico mencionado, destacamos alguns trechos dessa obra ficcional para exemplificar a intenção dos criadores, Marta Kauffman e Howard J. Morris, de representar, através de sua narrativa, a relação de proximidade e amizade entre as duas protagonistas, abarcando temas como humor, empatia, feminismo, envelhecimento, sexualidade, orientação sexual, uso e abuso de substâncias psicoativas, etc.

Importante destacar o fundamento, na teoria de Ricoeur (2014), que estabelece distinções entre a narrativa de ficção e a narrativa histórica:

O par narrativa histórica/narrativa de ficção [...] é claramente antinômico. Uma coisa é um romance [...], outra coisa, é um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora formulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor. Ao abrir um romance, o leitor prepara-se para entrar num universo irreal a respeito do qual a questão de saber onde e quando aquelas coisas aconteceram é incongruente; em compensação, o mesmo leitor está disposto a operar o que Coleridge chamava de wilful suspension of disbelief [suspensão intencional

da descrença], sem garantia de que a história narrada seja interessante; o leitor suspende de bom grado sua desconfiança, sua incredulidade, e aceita entrar no jogo do como se – como se aquelas coisas narradas tivessem acontecido. (RICOEUR, 2014, p.274 e 275)

Podemos notar que, ao traçar a antinomia entre ambas as narrativas, o filósofo conceitua a narrativa histórica como o real sobre o passado e a narrativa ficcional como o irreal fictício, apesar de igualmente estruturadas quanto à forma. Assim, com fundamento neste referencial teórico, entenderemos o conceito de narrativa como uma das formas de revelar a historicidade de um dado indivíduo ou grupo social - ou seja, o tempo é articulado por meio da narrativa, revelando a condição de existência temporal.

Nesse sentido, enuncia Ricoeur uma tese constante no livro *A memória, a história e o esquecimento*:

Mas é com o retrato das personagens da narrativa, sejam narrativas de vida, narrativas de ficção ou narrativas históricas, que a visibilidade supera claramente a legibilidade. Ora, aí está uma tese constante deste livro: as personagens da narrativa são inseridas na intriga ao mesmo tempo em que o são também os acontecimentos que, juntos, constituem a história narrada. Com o retrato, distinto do fio da trama da narração, o par do legível e do visível desdobra-se nitidamente. (RICOEUR, 2014, p.276 a 277)

No primeiro episódio da série, ocorre a revelação: Grace, interpretada pela atriz Jane Fonda, e Frankie, vivida por Lily Tomlin, descobrem que seus casamentos terminaram após quarenta anos, pois seus respectivos maridos, Robert (Martin Sheen) e Sol (Sam Waterston), são homossexuais e estão em um relacionamento há vinte anos.

Em “Grace and Frankie”, essas duas personagens são verdadeiras antípodas. Caracterizam-se pela inexistência de afinidades pessoais e pela completa diferença de experiências vivenciadas. Havia evidente rivalidade feminina entre ambas. Como uma forma de não ficarem sozinhas, já que estão recém-divorciadas, elas acabam decidindo morar juntas em uma casa de praia. Esse imóvel é o único bem material com o qual ficaram, após a partilha decorrente dos dois processos de divórcio.

A relação entre as personagens é narrada com ênfase nos constantes conflitos e atritos em razão das diferenças de personalidade entre ambas. Grace é uma empresária de sucesso, recentemente aposentada do comando de sua própria empresa de cosméticos. É requintada, veste-se de forma elegante, está sempre impecavelmente maquiada e com os cabelos penteados à base de laquê. Apesar de tudo isso, ela constantemente faz uso excessivo de álcool. Já Frankie é uma artista plástica que dá aulas em sua casa para ex-detentos reabilitados. Adota um estilo hippie. Em comparação a Grace, ela se preocupa menos com a aparência. Autointitula-se como uma bruxa e realiza diversos rituais de purificação e renovação energética. Além disso, é vegetariana e consumidora periódica de maconha.

Apesar de todas essas divergências, as duas personagens desenvolvem um apoio mútuo por estarem compartilhando a mesma situação. E, a partir dessa ajuda recíproca e empática, a narrativa de várias situações vai reforçando uma crescente aproximação afetiva entre as duas. E, na relação uma com a outra, elas vão superando os problemas vivenciados.

Sempre de forma humorística, os episódios da série ressaltam a relação de afeto entre as duas mulheres, evidenciando a proximidade física e emocional, que pode assim ser compreendida, tomando como referência o arcabouço teórico do autor:

Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para os quais contamos, estão situados numa faixa de variações das distâncias na relação entre si e os outros. Variação de distância, mas também variação nas modalidades ativas e passivas dos jogos de distanciamento e aproximação que fazem da proximidade uma relação dinâmica constantemente em movimento: tornar-se próximo, sentir-se próximo. Assim, a proximidade seria a réplica da amizade [...] (RICOEUR, 2014, p. 141)

A partir da segunda temporada, e até o último capítulo da sétima, desenrola-se com dinamismo a aproximação afetiva entre Grace e Frankie. E, portanto, o tema da “amizade” se mantém como um dos pontos centrais da obra ficcional. Estabelecem-se o apoio e a estima entre as duas personagens principais, evidenciando o processo de mudança da subjetividade das personagens após o convívio e as trocas afetivas entre elas.

Outro aspecto na narrativa é a representação de situações em que Grace e Frankie, demonstrando sua relação de proximidade, defendem-se mutuamente, mesmo diante de atitudes ou ações em que ambas discordam entre si. Ou seja, “a desaprovação da ação da outra, mas não de sua existência” (RICOEUR, 2014, p. 142). Fica explícita a aprovação mútua que o filósofo definiria como “atestação”, ou seja, “meus próximos são aqueles que me aprovaram por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade de estima” (RICOEUR, 2014, p. 142).

4 CONCLUSÃO

Portanto, utilizando-se de um paradigma do irreal ou fictício, o escritor alcança a pretensão de retratar/representar uma sociedade do passado, operação que foi possível num terreno do imaginário, ou seja, numa narrativa literária do defunto autor na qual é verificada uma função seletiva, conforme estabelece Ricoeur:

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação. Hannah Arendt nos lembra que a narrativa diz o “quem da ação”. É mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração. (RICOEUR, 2014, p.98)

Assim, tentamos na seleção dos trechos da obra, elencados neste trabalho, demonstrar que a inserção das personagens evidencia a intencionalidade do escritor de representar o real através de sua obra ficcional, realizando uma interpretação do fenômeno mnemônico, a saber, o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente ocorrida anteriormente, consoante a definição de Paul Ricoeur (2014, p.241).

No último episódio, intitulado “O começo”, fica mais uma vez evidente a relação de maior proximidade, afeto e empatia entre Grace e Frankie, em diálogos que trazem recordações dos momentos em que a amizade começou. E, especialmente, na visão de um futuro otimista da personagem Grace, que convence a si mesma e a Frankie da necessidade de não se separarem: “Não ficamos bem sozinhas”. E Frankie conclui: “Podemos fazer qualquer coisa juntas”.

Desta forma, a narrativa ficcional da série auxilia na compreensão do plano das relações com os próximos - que não serão necessária e obrigatoriamente vivenciadas entre familiares e/ou pessoas ligadas por laços consanguíneos. A obra “Grace and Frankie” aposta na dinamicidade ao retratar o funcionamento das relações afetivas entre duas mulheres, especialmente ao abordar a crescente amizade entre essas duas mulheres que se tornaram - e, sobretudo, que se sentem - próximas.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Edts.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

Grace and Frankie. Criação de Marta Kauffman e Howard J. Morris. EUA: Série original Netflix. S.l.: Skydance Media; Skydance Television, 2015. 7 temporadas. 82 episódios, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: junho de 2022.